



“VAMOS TER A PÁSCOA COM OS PORTUGUESES”

Igreja Greco-Católica Ucrainiana aproxima-se do calendário gregoriano, seguido pelas Igrejas de rito romano, e o responsável em Portugal, padre Illya Oleh Fihol, explica porquê. **pág.02**

Reportagem



“CRISTÃOS TERÃO PAPEL FUNDAMENTAL NO IRAQUE”

A diretora da Fundação AIS, Catarina Martins de Bettencourt, analisa a visita do Papa ao Iraque e considera que o perdão “não será fácil” neste país, mas é por aí que “começa o trabalho” pela paz. **pág.06**

Entrevista

“Cristo é a nossa Páscoa e a nossa paz”

A Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) lembrou, numa mensagem, que na Páscoa é possível “reencontrar a esperança”. “O sepulcro aberto proclama a alegria da presença viva e ressuscitada de Cristo e a Igreja pede-Lhe incessantemente: «*Fica connosco, Senhor*» (Lucas 24,29), para que seja sempre hoje de renovação pascal. Para todos existe a possibilidade de reencontrar a esperança, porque Cristo é a nossa Páscoa (cf. 1Coríntios 5,7) e a nossa paz. A fé, a esperança e a caridade que nascem e renascem da Páscoa frutificam, quando nos tornam mais irmãos e cidadãos mais ativos para se realizar a justiça e a paz, o perdão e o amor”, destaca a mensagem do Conselho Permanente da CEP, intitulada ‘A Esperança da Páscoa’.

O texto foi publicado no passado dia 27 de março, e os bispos renovam a “gratidão” pela “heroicidade e dedicação à dignidade da vida humana”. “É nos gestos de amor, de partilha, de serviço, de encontro, de fraternidade, que encontramos Jesus Cristo vivo, a transformar e a renovar o mundo”, frisa a mensagem de Páscoa.

Mensagem em:

www.conferenciaepiscopal.pt



FILIPE TEIXEIRA

Destaque

“CRUZ TRIUNFA NA VIDA ENTREGUE”

O Cardeal-Patriarca de Lisboa convidou os cristãos, durante esta Semana Santa, a fixarem o olhar na cruz de Cristo. D. Manuel Clemente falava na celebração de Domingo de Ramos, na Sé. “Nos dias que se seguem, meditaremos de novo e ainda mais nos derradeiros que Jesus passou na terra, para que tudo se ultimasse nele, finalmente nele e ao seu único modo. Em tempos tão difíceis como estes, entre tanto sofrimento passado e tanta interrogação para o futuro, fixemo-nos na cruz onde expirou, para que o seu Espírito se espalhasse em toda a terra, como vários sinais hoje o confirmam. Assim os oferece a abnegação de muitos e assim os reconhecemos gratamente nós”, apontou o Cardeal-Patriarca.

Nesta celebração na manhã do passado dia 28 de março, que foi transmitida em direto pelo site e redes sociais (YouTube e

Facebook) do Patriarcado e do Jornal VOZ DA VERDADE, D. Manuel Clemente lembrou que “a cruz triunfa” na “vida entregue”. “Não os procuremos por de fora, mas aí mesmo onde se somam diariamente gestos solidários, saúdes cuidadas, solidões acompanhadas e trabalhos mantidos. Em tudo o que houver de vida entregue, aí mesmo a cruz triunfa agora. A cruz de Cristo, que salva a cruz do mundo. Era a única vitória que Deus queria, como Jesus a conseguiu e o Espírito a difunde. Só esta perpetuará os ramos e os hossanas deste dia!”, garantiu o Cardeal-Patriarca, na celebração com que teve início a Semana Santa.

As celebrações de Páscoa na Sé de Lisboa são transmitidas em direto no site do Patriarcado, em www.patriarcado-lisboa.pt. Horários na **pág.08**

Bairro da Boavista vai ter uma nova igreja | **pág.05**

Conheça os Luzeiros, os Campos Vocacionais para Raparigas | **pág.08**

Papa Francisco inicia Semana Santa com o apelo a que “não passemos ao lado” dos “irmãos e irmãs em dificuldade” | **pág.09**

Pedro Vaz Patto
Abençoar ou não abençoar

Pe. Alexandre Palma
Quem tem olhos, veja!

Opinião
pág.04

P. Nuno Rosário Fernandes
Ele está vivo

Editorial
pág.12

Igreja Greco-Católica Ucraniana

PÁSCOA JUNTOS

No ano em que assinalam 20 anos da chegada a Portugal, os fiéis da Igreja Greco-Católica Ucraniana vão celebrar a Páscoa no mesmo dia que a Igreja Católica. “Este ano, vamos celebrar a Páscoa juntos, na mesma data”, anuncia ao Jornal VOZ DA VERDADE o responsável nacional desta comunidade, padre Illya Oleh Fihol. Este é um passo na aproximação do calendário juliano (seguido por estes cristãos de rito bizantino) ao calendário gregoriano, adotado pelas Igrejas de rito romano.



“Agradeço muito a Portugal e convido todos os que queiram a participar nas celebrações da Páscoa na Igreja Greco-Católica Ucraniana de Lisboa”. É desta forma que o padre Illya Oleh Fihol inicia a conversa com o Jornal VOZ DA VERDADE. “Antigamente, nós seguíamos o calendário juliano, mas desde o último Natal nós mudámos para o calendário gregoriano. Por isso, vamos ter a Páscoa com os portugueses. Vamos celebrar a Páscoa juntos!”, refere este sacerdote, que é conhecido em Portugal por padre Elias.

Na Igreja de Nossa Senhora da Nazaré, perto da Praça do Chile, o padre Elias faz-se acompanhar de uma ‘tradutora’, Olena Fan (ver caixa), e explica que esta aproximação de calendários tem, desde logo, “uma razão prática”. “As nossas pessoas, e os seus filhos, trabalham e estudam cá e têm as férias no Natal

e na Páscoa. Quando elas queriam ter dias livres para o nosso Natal ou a nossa Páscoa, com o calendário juliano, era mais difícil”, explica. A segunda razão prende-se com as crianças. “Para elas, era muito confuso. Quando tínhamos o nosso Natal, com o calendário juliano, elas não celebravam connosco, na nossa igreja. Assim, queremos fazer proximidade com as crianças da nossa Igreja. Elas fazem parte da nossa vida na Igreja e, por isso, decidimos fazer o pedido para a Ucrânia, para fazermos esta mudança de calendário”, justifica o padre Illya Oleh Fihol, que é coordenador dos capelães ucranianos em Portugal desde outubro de 2018, por nomeação da Conferência Episcopal Portuguesa.

Tradições valorizadas

A Igreja Greco-Católica Ucraniana, de rito bizantino, conta com cerca de

10 milhões de fiéis – sendo que metade vivem na Ucrânia – e é considerada a maior Igreja Oriental em comunhão com o Bispo de Roma, o Papa Francisco. Chegou a Lisboa em 2001, há 20 anos, pelo que esta ‘alteração’ de calendário teve que ter a ‘bênção’ do metropolitano da Igreja Greco-Católica e Arcebispo maior de Kiev-Halyč, D. Sviatoslav Shevchuk. “Esta mudança vai acontecer em todo o território português: Lisboa, mas também Fátima, Montijo, Setúbal, Vila Nova de Gaia e Porto mudaram para o calendário gregoriano”, anuncia o padre Elias, sublinhando que esta decisão foi tomada pelos padres ucranianos que estão em Portugal, nas suas reuniões, que depois fizeram o pedido à Igreja Ucraniana, “que autorizou”.

Na Igreja-Greco Católica Ucraniana, tal como na Igreja Católica, “todas as

Missas são Páscoa, todas as Missas são centradas no dia de Páscoa”. “A Ressurreição de Cristo é algo muito grande para nós. Nestes 40 dias, nós podemos mudar, podemos mudar quando há conversão. Este tempo é particularmente forte para fazermos as nossas mudanças, para pensarmos e para percebermos a oração. Nas Missas, procuro sempre lembrar a importância de refletirmos sobre nós, sobre a nossa vida, o que fazemos para mudar. Tal como diz o apóstolo São Paulo, se não há ressurreição, não há razão de fé. Se Jesus Cristo não ressuscitou, a nossa fé não faz sentido”, salienta o padre Elias. Questionado sobre como é celebrar a Páscoa a quatro mil quilómetros de casa, este sacerdote ucraniano diz sentir que os seus compatriotas, cá, valorizam mais a sua cultura e tradições. “Parece ter mais sentido cele-



O SONHO (CONCRETIZADO) DE UM MOSTEIRO

Depois de vinte anos a viver num apartamento no centro da cidade, os quatro padres da Igreja Greco-Católica Ucraniana de Lisboa mudaram-se muito recentemente para um mosteiro, em Santa Iria da Azóia. Foi o concretizar de um sonho, que aconteceu no passado dia 27 de janeiro. “É um sentimento muito bom, ter este novo mosteiro. Antes, vivíamos num apartamento, muito perto aqui da igreja, mas em que não podíamos seguir todas as regras da Ordem de São Basílio”, refere o padre Illya Oleh Fihol. “Este mosteiro era como um sonho. Agora temos uma capela, onde celebramos Missa e em que convidamos as nossas pessoas para participar”, acrescenta. Estes padres procuram seguir as regras dos monges. “De manhã, fazemos meditação com a Bíblia, depois fazemos oração comum e organizamos os horários para corresponder às necessidades e pedidos das pessoas, que estão a trabalhar”, garante o coordenador dos capelães ucranianos em Portugal.

brar a Páscoa, e também o Natal, aqui, em Portugal. Como estamos longe de casa, tentamos celebrar e guardar as nossas tradições e origens. Aqui, as pessoas trabalham muito e não têm tanta possibilidade de vir à igreja, pelo que, quando vêm, valorizam mais as Missas e as celebrações. Mais até do que na Ucrânia”, garante.

Na capelania da Igreja Greco-Católica Ucrâniana em Lisboa o dia de Páscoa é vivido com a Missa de manhã e, à tarde, com tradições ucranianas. “Temos canções e jogos tradicionais ucranianos. É um momento onde participam muitas crianças e muitos jovens, em que podemos guardar as nossas tradições”, refere, feliz, o padre Illya Oleh Fihol.

Mudanças laborais

Natural da região de Lviv, na Ucrânia, o padre Elias foi ordenado na Ordem de São Basílio, em 2010, após os estudos em Kiev, “a nossa capital”, e chegou a Lisboa em outubro de 2012. Nesta quase uma década no nosso (e agora seu) país, este sacerdote ucraniano, de 47 anos, diz que mudou a face das profissões da ‘sua’ gente. “As pessoas, quando chegaram a Portugal, há muitos anos, vinham com a intenção de ganhar dinheiro e trabalhar, e começaram nas profissões normais: por exemplo, os homens foram para a construção civil e as mulheres foram para trabalhadoras domésticas. Com o passar dos anos, o povo ucraniano mudou o seu ‘diploma’, para poderem estar iguais com os ‘diplomas’ portugueses, e hoje podemos dizer que temos muitas doutoras ucrâni-



Capelania da Comunidade Grego-Católica Ucrâniana
Rua Quirino da Fonseca, 2A, 1000-252 Lisboa



nas em Portugal, portanto médicas”, revela, referindo ainda que “algumas são também condutoras de autocarros, outras trabalham em bancos” e há também ucranianos que “têm as suas empresas próprias”. “Pequenas, mas suas”, manifesta.

Este sacerdote de rito bizantino não esconde também o desafio que é lidar com as crianças ucranianas que estão na escola. “Muitas vezes, a educação que elas recebem na escola não é a mesma que a que recebem na Igreja. É muito difícil para nós, padres, explicarmos às crianças certos comportamentos, coisas morais. Muitas vezes, para elas, é mais importante estarem ao lado dos amigos do que da Igreja. É um desafio”, assume.



Deste último ano de pandemia, o padre Illya Oleh Fihol garante que os padres ucranianos “ajudaram muito as pessoas”, em particular “as que estavam no hospital”. “Rezamos muito por elas. Se alguma pessoa precisava de algo, arranjávamos dinheiro para ajudar. Fomos visitados por muita gente”, diz.

A Igreja como centro da integração

De acordo com este responsável, há “entre 10 a 12 mil cidadãos ucranianos na cidade de Lisboa”. “Destes, oito a nove mil são greco-católicos. Os restantes, são ortodoxos”, explica. À pergunta ‘Sente que é uma comunidade integrada em Lisboa?’, o padre Elias destaca precisamente o papel da Igreja Greco-Católica. “A nossa igreja é o centro para as pessoas ucranianas que estão aqui. Por isso, elas não se sentem muito sozinhas. Aqui, somos Igreja. As pessoas aqui podem-se confessar, podem conversar com os padres, podem participar na Missa. As pessoas sentem-se integradas porque estão também muito tempo na igreja”, considera.

De segunda a sexta-feira, a partir das seis da tarde, os padres ucranianos chegam à Igreja de Nossa Senhora da Nazaré, perto de Arroios, no centro da cidade. “Estamos disponíveis para conversar ou para atender em confissão”, frisa. Às sete da tarde há a oração do terço e, às 19h30, a Missa. “Todos os dias”, salienta. Aos sábados, a igreja está aberta a partir das 8h30 da manhã e aos Domingos a Missa é às oito da manhã e às 11h30. “A Igreja faz parte da vida dos ucranianos. É como uma ponte. A pertença à Igreja faz com que as pessoas não se sintam sozinhas e faz com que se sintam integradas em Portugal. Quando as pessoas têm problemas, falam com os padres”, garante o padre Illya Oleh Fihol.

“AQUI, POSSO AJUDAR OS OUTROS, E ISSO É IMPORTANTE”

Olena Fan nasceu na Ucrânia, mas é filha de pai vietnamita. “Sou metade-metade”, brinca esta ucraniana, de 36 anos, que chegou a Portugal apenas há três anos. Falando num português já muito claro, Olena esteve na entrevista do Jornal VOZ DA VERDADE ao padre Illya Oleh Fihol para ajudar na tradução. Algo que não é estranho para Olena. “Ajudo os ucranianos aqui da igreja a falarem Português e Inglês. As pessoas trabalham muito e não têm tempo para ir à escola aprender... comigo, é mais fácil porque podemos escolher o tempo e o horário. Aqui, posso ajudar os outros, e isso é importante”, justifica. Solteira e a residir em Alcântara, Olena trabalha numa multinacional e foi através da sua atividade profissional que chegou ao nosso país. “Comecei a trabalhar na Nestlé, na Ucrânia, durante dois anos, e depois fui transferida para cá. Abriam um escritório em Linda-a-Velha e precisavam de pessoas com experiência. Antes, já tinha vivido nos Estados Unidos e em Singapura”, partilha. Assumindo que “não conhecia muito de Portugal”, Olena diz, “honestamente”, que pensou vir “só por um ano ou dois”, para “ganhar experiência e ter melhor currículo”. “Quando voltasse à Ucrânia, com experiência em diferen-

tes países, estando na mesma empresa, isso é melhor para crescer na tua posição”, salienta.

A verdade é que a colaboração na Capelania da Igreja Greco-Católica Ucrâniana em Lisboa parece ter-lhe mudado os planos. Olena refere que, quando estava na Ucrânia, ia à igreja somente na Páscoa e no Natal, mas em Portugal passou a ir “uma vez por semana”. “Com o tempo, comecei a participar mais nas Missas, a falar mais com os padres e tudo mudou. A vida em Lisboa mudou-me no sentido religioso, de Igreja, dos padres... sinto-me muito mais feliz aqui, em Portugal, do que era em Singapura ou nos Estados Unidos, e até mesmo na Ucrânia. A Igreja faz parte da minha vida”, observa, dizendo-se “muito agradecida aos padres e à comunidade”. “A Igreja é o meu sentido para estar aqui. Não é tanto o trabalho, mas a Igreja e os padres. Faz um sentido maior de vida, agora, muito diferente do que antes”, manifesta. O futuro? “Acho que vai ser por aqui... A minha vida aqui é muito melhor e sou feliz”, garante Olena Fan, uma ucraniana de sangue vietnamita, que colabora com os padres da Ucrânia em Lisboa.





Pedro Vaz Patto

Abençoar ou não abençoar



Uma enorme contestação tem suscitado o documento da Congregação para a Doutrina da Fé, aprovado pelo Papa Francisco, que declarou que a Igreja não tem legitimidade para abençoar uniões homossexuais. Na verdade, o documento reafirma a doutrina perene da Igreja, que sempre reprovou a prática sexual fora de um contexto conjugal, uma doutrina baseada na Escritura, proclamada pelos sucessivos Papas e exposta no Catecismo. Essa doutrina pode evoluir no sentido de um desenvolvimento ou aprofundamento, mas não através de ruturas ou contradições. E são de estranhar reações contestatárias de quem tem especiais deveres de obediência a essa doutrina (desde logo bispos e sacerdotes).

A razão de ser da resposta da Congregação para a Doutrina da Fé é afirmada na nota explicativa que a acompanha. Basicamente, aí se afirma que a Igreja não pode «aprovar ou encorajar uma escolha e prática de vida que não podem ser reconhecidas como objetivamente ordenadas aos desígnios divinos revelados» e que uma união homossexual não pode ser equiparada (como, de algum modo, significaria a bênção de tais uniões) ao matrimónio «como

união indissolúvel de um homem e uma mulher aberta por si à transmissão da vida».

Na verdade, na ordem da criação, a sexualidade tem um desígnio, um sentido e uma finalidade. Desse desígnio, faz parte a dualidade sexual e a comunhão, física e espiritual, entre duas expressões do humano (a masculina e a feminina) que se completam e enriquecem reciprocamente: uma unidade a partir da mais elementar das diferenças. E desse desígnio também faz parte a ligação entre essa comunhão de amor e a geração da vida: dessa comunhão de amor nasce a vida e a vida nasce dessa comunhão de amor. Trata-se de um desígnio que, na sua ordem, harmonia e beleza, deve ser respeitado, e não contrariado.

Pode associar-se tal desígnio à “ecologia humana”, a partir da afirmação de Bento XVI na encíclica *Caritas in Veritate* (n. 51): «o livro da natureza é uno e indivisível, tanto sobre a vertente do ambiente, como sobre a vertente da vida, da sexualidade, do matrimónio, da família, das relações sociais, numa palavra, do desenvolvimento humano integral».

Mas importa também salientar outros aspectos deste documento.

Também nele se afirma o respeito e solicitude para com as pessoas de tendência homossexual. Não só porque não se rejeita a bênção sobre essas pessoas quando «manifestem a vontade de viver na fidelidade aos desígnios revelados por Deus, assim como propostos pelo ensinamento da Igreja». Mas também porque se afirma que, embora não abençoe o pecado, «Deus não deixa de abençoar cada um dos seus filhos peregrinos neste mundo, porque para Ele somos mais importantes do que todos os pecados que possamos cometer» (esta referência aos “pecadores” não é, como davam a entender certas notícias, relativa apenas a pessoas com tendência homossexual, mas a todas as pessoas, a todos nós).

Há que considerar, por outro lado, o que a

propósito afirmou o cardeal Kevin Farrell, prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida: o facto de não puderem ser abençoadas uniões não matrimoniais não significa que a ação pastoral da Igreja não se estenda a todas as pessoas, todas elas devem beneficiar dessa ação, todas devem ser acolhidas de braços abertos e acompanhadas com solicitude. Não é por uma pessoa não se encontrar num estado de vida não plenamente conforme à doutrina da Igreja que esta lhe deverá fechar a porta.

É esta abertura da ação pastoral da Igreja a todas as pessoas que caracteriza a visão do Papa Francisco, e não, ao contrário do que alegam muitos dos seus críticos e alguns dos seus apoiantes, a rutura com a doutrina perene da Igreja.



Pe. Alexandre Palma

Quem tem olhos, veja!



A ressurreição reflecte-se no olhar. A ressurreição também acontece no olhar. É assim que os evangelistas a tratam, como facto corpóreo, mas também como evento ocular. E fazem-no com extremo cuidado. Nada do que dizem fica entregue ao acaso. Tudo encontra o seu lugar para que, com os protagonistas e os autores, também acerca do leitor se possa dizer: «Viu e acreditou» (Jo 20, 8). Mas nem por isso simplificam o processo. Ver é bem mais difícil do que parece. Os evangelistas sabem-no. Há que ver o vazio do sepulcro. Eis um primeiro paradoxo: ver o vazio. Há que ver para além do «jovem» (Mc), do «anjo» (Mt), de «dois homens» (Lc) ou do «jardineiro» (Jo) que se encontram à entrada do sepulcro. É que ver às vezes é também «desver», isto é, deixar de ver apenas e só o que sempre se viu. Eis um outro paradoxo. É preciso abandonar a rotina da visão. Por fim, ver é reconhecer. Há que ver a pedra removida ou as ligaduras depostas e reconhecer nelas sinais de vida. Vários são aqueles que, nos evangelhos, vêem Jesus sem logo o reconhecerem. Só quando chegam aqui, ao reconhecimen-

to, começam a ver. Este será um derradeiro paradoxo. É como se até então fossem cegos, embora vissem.

A tradição cristã concedeu também uma importância singular à visão. Em sintonia com o seu substrato bíblico – porventura indo para além dele –, ela fez da visão uma questão teológica central. A eternidade em Deus definia-se como um acto de visão, a *visio beatifica* que caracterizava a vida dos santos e a sua comunhão com Deus. Sem filtros, seria ver imediatamente a Deus. Ser totalmente em Deus equivaleria a vê-lo. A eternidade e a intimidade com Deus pertenceriam, portanto, ao campo da visão. Para S. Tomás de Aquino, ver assim seria mesmo a realização plena da vida humana e, portanto, a sua verdadeira felicidade. A visão beatífica superaria todas as outras realidades humanas, como sejam a fé ou a razão. Difícilmente se lhe poderia atribuir estatuto mais elevado. A visão tornou-se o sentido da eternidade. Não sei se todo este edifício doutrinal é causa ou consequência da supremacia que a visão veio a adquirir sobre os demais sentidos na cultura ocidental. Provavelmente será

ambas. Mas para lá disso, ver a ressurreição não pode não ser a inauguração da *visio beatifica*, mesmo se ainda na economia das mediações. Ver a ressurreição é já, aqui e agora, intimidade com Deus e felicidade humana. *Visio beatifica* é já, pois, mesmo se de forma limitada e precária, contemplar o vazio que se enche de Deus e reconhecê-lo como tal. *Visio beatifica* é já, pois, reaprender a ver para

descobrir a surpresa de Deus presente no que julgamos conhecido e dominado. *Visio beatifica* é já, pois, reconhecer o ressuscitado vivo, embora escondido, nos próximos de todos os dias. Porque a estrutura da ressurreição permanece coerentemente a mesma: ela continua a ser, em parte, um evento ocular. Hoje como então; aos de hoje como aos de então, a ressurreição dá-se a ver.





375 anos da Coroação de Nossa Senhora da Conceição

A abertura do Ano Jubilar dos 375 anos da Coroação de Nossa Senhora da Conceição como Padroeira de Portugal teve lugar a 25 de março, no Santuário de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, com a Missa presidida por D. Francisco José Senra Coelho, Arcebispo de Évora, que pode rever em www.facebook.com/arquidiocesedeavora

Assembleia Diocesana de Catequistas 2021

Catequese e evangelização
olhares sobre a pandemia

11 de abril

Evento online
14h30-20h00

inscrições até 11 de abril

Sector da Catequese

ASSEMBLEIA DIOCESANA REÚNE CATEQUISTAS

‘Catequese e evangelização, a inculturação da fé’ é o tema da conferência que o Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, vai proferir durante a Assembleia Diocesana de Catequistas (ADC), que decorre online, no próximo dia 11 de abril, Domingo, com o tema ‘Olhares sobre a pandemia: Releitura da vivência da catequese’.

Organizada pelo Sector da Catequese de Lisboa, o encontro virtual dos catequistas tem lugar das 14h30 às 20h00. “No contexto de pandemia que vivemos, a Catequese de Lisboa tem procurado acompanhar os catequistas das diversas comunidades paroquiais e educativas, no sentido de os ajudar a viver e a interpretar os sinais dos tempos que Deus nos está a dar. Neste sentido, a próxima ADC terá por base uma pesquisa empírica a famílias, crianças e adolescentes, catequistas e párocos, num total de 1467 questionários efetuados, articulada em cinco eixos temáticos: Espiritualidade, Família, Digital, Ministério do Catequista e Comunidade”, salienta um comunicado. A Assembleia Diocesana de Catequistas será, assim, “um momento de leitura teológica e pastoral desses dados à luz de uma reflexão crítica dos mesmos, mas também que aponte caminhos de futuro para a catequese”, acrescenta a nota.

Do programa, após a oração inicial, tem lugar a apresentação dos resultados dos questionários, e, às 16h00, os grupos temáticos, sendo que os catequistas devem inscrever-se apenas no grupo em que desejam participar. Às 18h15 decorre a reflexão do Cardeal-Patriarca de Lisboa e para as 19h30 está marcada a oração final.

As inscrições na Assembleia Diocesana de Catequistas são feitas através do site www.catequese.net, e estão abertas até ao próximo dia 8 de abril.

Bairro da Boavista vai ter uma nova igreja

“Uma esperança muito grande”

O pároco de São José do Bairro da Boavista, em Lisboa, considera que a futura nova igreja paroquial representa “uma esperança”, mas também “compromisso”. Ao Jornal VOZ DA VERDADE, o padre Ricardo Freire diz esperar dedicar o templo “daqui a dois anos”.

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa esteve no Bairro da Boavista, no dia 23 de março, onde apresentou o projeto da nova Escola Básica Arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles, mas também de toda a zona envolvente, incluindo uma nova igreja paroquial. Uma obra que é “um desejo antigo” desta comunidade cristã, e que surgiu “ainda antes de ser paróquia”, revela o pároco. “A nova igreja representa uma esperança muito grande, antes de mais, por algo de



novo que está a surgir, e significa também um compromisso, da parte da comunidade, de fazer corresponder ao nascimento de um edifício novo a renovação de estruturas daquilo que é a comunidade católica, através da paróquia, no bairro”, explica o padre Ricardo Freire.

A paróquia “tinha conseguido um terreno”, mas “faltavam os meios para se conseguir chegar a isto”. Com “a chegada da escola” e a “necessidade de se criar uma praça” – “e sobretudo com a necessidade de a escola tomar alguma parte da igreja” –, vai ter “de se proceder à demolição do atual edifício”. “Houve a possibilidade de um realojamento dos serviços da paróquia, que acabam por ganhar melhores condições”, salienta o sacerdote dehoniano. Além da igreja, vão ser também construídos “alguns serviços que atualmente não existiam”, como “duas capelas mortuárias” ou um centro paroquial, que o padre Ricardo prefere chamar de “um centro com serviços de assistência”.

O projeto da nova igreja do Bairro da Boavista foi eleito “em concurso público”, que terminou em junho do ano passado, tendo sido escolhido o projeto da autoria de Matos Gameiro Arquitetos (Pedro Matos Gameiro) e Atelier Bugio (João Favila Menezes). “A igreja faz parte de um arranjo urbanístico novo, e acaba por ser um desafio muito grande, de como nos vamos situar no novo espaço, e como vai caber tanta gente neste espaço, porque, sendo uma praça pública, deixa de ser só um espaço da igreja e temos de saber dialogar e saber estar dentro deste espaço”, observa o pároco. O desejo da Câmara de Lisboa é que o ano letivo 2023-2024 tenha início já na escola nova. Neste sentido, “a nova igreja terá de estar também concluída, porque os acessos à escola fazem-se através dessa praça da igreja”, refere o padre Ricardo Freire.

texto por Diogo Paiva Brandão; fotos por Matos Gameiro Arquitetos + Atelier Bugio



Consignação de IRS ‘Este é o confinamento do João’

A Comunidade Vida e Paz lançou a campanha de consignação de IRS ‘Este é o confinamento do João’, apelando “à ajuda de todos”. “Ao preencher o seu IRS lembre-se de quem vive na Rua! Assinale com um X no campo 1101 e escreva o NIF 502 310 421 no quadro 11 do modelo 3. Dessa forma, 0,5% do seu IRS será entregue à Comunidade Vida e Paz, sem qualquer custo para si e estará a ajudar quem mais precisa”, salienta a instituição tutelada pelo Patriarcado de Lisboa. Segundo a nota, em 2020, com a consignação do IRS de 2019, a Comunidade Vida e Paz “beneficiou de um total de 101.924,66€”, que “será aplicado na criação de um Espaço Aberto ao Diálogo Móvel”.



Comunicado conjunto Contra a inseminação post-mortem

As Associações dos Médicos Católicos e dos Juristas Católicos manifestaram, num comunicado conjunto, a “discordância em relação às propostas de legalização da inseminação *post-mortem*”. “O que está em causa, na inseminação *post mortem* é a deliberada e intencional geração de uma criança órfã, privada de um pai. Por isso, impõe-se considerar que o seu bem é sacrificado e subordinado ao desejo da mãe. Um pai nunca é dispensável, por muito dedicadamente que a mãe cumpra a sua missão”, salienta a nota, lembrando ainda “o potencial muito negativo do impacto da inseminação *post mortem* no desenvolvimento psicológico da criança que vier a nascer”.



Escuteiros de Barcarena “Uma sede para descobrir a beleza da vida”

O Bispo Auxiliar de Lisboa D. Joaquim Mendes benzeu a nova sede dos escuteiros de Barcarena. “Que esta sede seja um espaço para os jovens encontrarem sabor para a sua vida, descobrirem a beleza da vida, o seu sentido, que está na doação, na entrega, no amor fraterno. Ao mesmo tempo, que este espaço seja uma luz que ajude na busca da verdade e do bem-comum”, desejou o prelado, a 27 de março, apelando “à coerência de vida” e “ao testemunho”. “Educamos mais por aquilo que somos, do que por aquilo que dizemos”, manifestou, na presença do presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Isaltino Morais, que inaugurou a nova sede do agrupamento 1278 de Barcarena.

Catarina Martins de Bettencourt, diretora nacional da Fundação AIS

IRAQUE “PODE SER UMA LUZ” PARA O MÉDIO ORIENTE

A diretora nacional da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (AIS) considera que a “corajosa” visita do Papa Francisco ao Iraque pôs aquela comunidade “sofrida” nas bocas do mundo e foi o “passo inicial” para um caminho rumo à paz. Em entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE, Catarina Martins de Bettencourt testemunha o que experienciou, em 2015, junto da comunidade cristã perseguida naquele país. “Eles diziam-me que tinham tudo, porque tinham Deus com eles, todos os dias”.

entrevista por Filipe Teixeira; fotos por Fundação AIS



Tivemos, recentemente, a visita histórica de um Papa ao Iraque: um país marcado pela violência étnica e inter-religiosa, há mais de 20 anos. Na sua opinião, qual foi a ‘porta’ que esta visita do Papa Francisco abriu para aquele país e para o mundo?

É uma viagem histórica, não só pelo Papa ir ao Iraque, mas também por esta ter sido uma viagem neste tempo de pandemia. Mostra a coragem que o Papa teve de ir e de estar. Não nos podemos esquecer que aquele é um povo que tem sofrido muito nos últimos anos, com toda a violência que tem acontecido. Penso que o mais importante desta viagem do Papa Francisco, e cujas consequências ainda iremos ver, futuramente, no terreno, foi trazer para os nossos dias, para os telejornais de

todo mundo, este problema do Iraque e de olharmos para esta comunidade que tem sofrido muito. O Papa veio trazer este tema muito importante, porque habitualmente, com tantos acontecimentos diários e à semelhança do que acontece na Síria, fica tudo muito diluído, deixamos de olhar para os problemas com atenção.

Esta comunidade do Iraque é muito sofrida, precisa muito do apoio internacional, porque depois da ocupação dos territórios pelo autoproclamado Estado Islâmico, é necessário reconstruir tudo. O Iraque também está a viver uma crise económica muito grande, tem problemas de corrupção elevados, há vários problemas sociais no Iraque e o Papa acaba por trazer aquele povo, aquele país, para a primeira página, di-

zendo que eles precisam da nossa solidariedade – e não falo só da comunidade cristã. Creio que a grande mensagem do Papa é mostrar ao mundo que se o Iraque for ajudado, pode ser uma luz para aquela zona que, nos últimos anos, tem sido um verdadeiro barril de pólvora.

Durante os pronunciamentos do Papa no Iraque, o apelo ao perdão foi uma constante. Considera que o perdão ainda é possível?

É preciso trabalhar muito. Acho que no Iraque a comunidade cristã terá um papel fundamental, porque as feridas existentes são muito profundas e é preciso ajudar a curá-las. O Papa, ao falar do perdão, apontou também por onde se tem de começar a trabalhar, porque não é fácil perdoar a quem roubou a casa,

a quem matou um familiar próximo, a quem raptou uma irmã... Não será fácil esse perdão, mas os iraquianos têm que começar a perdoar e têm que saber virar a página, com todas as dificuldades que sabemos que acontecem. Através dos testemunhos que vamos recebendo, há muitos cristãos que dizem que já perdoaram e que já conseguiram ultrapassar tudo isto. Este é um grande papel da Igreja, e será um grande desafio.

Houve um consenso por parte dos líderes mundiais que esta visita seria um ponto de viragem para a resolução de muitos dos problemas do Médio Oriente. Na sua opinião, o que há ainda a fazer no campo diplomático?

O facto de o Papa ter ido ao Iraque é um sinal muito forte para o mundo. Em termos diplomáticos, tem uma grande força. Os últimos anos foram dramáticos para o Iraque, desde as sanções económicas que sofreu, depois com todos os problemas que têm acontecido entre xiitas e sunitas, com a ocupação dos territórios pelo autoproclamado Estado Islâmico... Estes são problemas muito graves e o Iraque, hoje, precisa de ajuda da comunidade internacional para poder voltar a ter a sua grandiosidade, porque é uma nação extraordinária e que pode ser muito importante naquela zona.

Da diplomacia internacional, penso que é importante ajuda para ultrapassar esta crise económica que vivem e para reconstruir todo o país. Não se trata de impor a nossa democracia, mas ajudá-los a encontrar a melhor forma, o melhor sistema, para que todos possam conviver. E, nisso, a diplomacia internacional ainda tem muito para fazer, mas o Papa deu o passo inicial e que é fundamental para desbloquear uma série de processos.

Nesta visita, o Papa apelou à paz e referiu que essa paz só será possível se todas as comunidades – incluindo as cristãs –, tiverem os seus direitos assegurados. Da sua visita ao Iraque, em abril de 2015, como nos pode descrever



O Papa Francisco visitou o Iraque, entre 5 e 8 de março, e apontou o perdão como caminho para a unidade e a coexistência daquele povo

o dia-a-dia destas comunidades neste país de maioria muçulmana?

Eu estive no Curdistão iraquiano, na zona de Erbil, onde existiam os vários campos de refugiados, com pessoas a viver em contentores, depois de as vilas e aldeias cristãs terem sido ocupadas em agosto 2014. Quando saí de Portugal, ia com a expectativa de encontrar uma comunidade com medo, receosa de se expor. Encontrei exatamente o oposto. Isso foi algo que me marcou porque, em todos os campos de refugiados onde havia comunidade cristã, todos os contentores tinham cruces pintadas nas portas, marcando a sua presença. Era uma comunidade que, apesar de todas as dificuldades, era muito viva e que não apagou as suas raízes, os seus sinais que as distinguem como cristãs. Lembro-me também que alguns dos campos tinham, à entrada, uma cruz gigante que se iluminava à noite. É uma comunidade com uma fé extraordinária. Eles diziam-me que tinham tudo, porque tinham Deus com eles, todos os dias. É com muitas saudades que relembro esta visita, porque encontrei o oposto do que pensava que ia encontrar. Acredito que, se houver o empenho da comunidade internacional para dar sinais de que há esperança, cristãos e muitas pessoas de outras minorias irão ficar e é isso que dá beleza àquele país.

Atualmente, após o tempo de ocupação pelo Estado Islâmico, o sentimento do povo iraquiano mudou muito?

Pelos testemunhos que vamos recebendo, o sentimento é de insegurança. A comunidade cristã, nos últimos anos, foi discriminada, foi perseguida pelo facto de ser cristã. Lembremo-nos que, no Iraque, a



“A minha presença junto do Papa Francisco é também um sinal do afecto e da sua proximidade para com todos os benfeitores e amigos da AIS em Portugal que estiveram sempre comigo no meu pensamento e orações.” (Catarina Martins de Bettencourt, diretora da Fundação AIS)

religião está inscrita no cartão do cidadão e há discriminação ao nível da educação, da saúde, do mercado de trabalho... há este sentimento, sobretudo pelo facto de não se conseguir recuperar as casas, os terrenos, e por se viver numa situação económica difícil e num sistema corrupto, que tem feito com que muitos elementos das comunidades cristãs tenham saído, à procura de um futuro melhor para as suas famílias, para os seus filhos.

Nesta geografia, qual tem sido o trabalho e os principais desafios da Fundação AIS?

A Fundação AIS tem estado, há muitos anos, a ajudar a Igreja no Iraque e mais intensivamente desde agosto de 2014, quando as pessoas saíram de suas casas,

sem nada, e ficaram a viver sem condições e sem trabalho. Foi uma comunidade que precisou de ajuda para tudo, para poder sobreviver. A AIS tem feito o trabalho de alimentar famílias, apoiar no aluguer de casa, quartos e de contentores para se poder viver. Também ajudamos na transformação de contentores em escolas para que as crianças pudessem continuar os seus estudos.

Passado este momento, e depois de a planície de Ninive ter sido libertada do auto-proclamado Estado Islâmico, temos trabalhado muito na reconstrução das casas, escolas, igrejas, todas estas infraestruturas necessárias para que a comunidade possa regressar às suas aldeias e vilas. Neste momento, estamos na fase de continuar a alimentar as famílias e ajudar a recuperar

as casas. Queremos – e este também é o pedido da própria Igreja no Iraque – não só continuar com esta parte de apoio à sobrevivência da comunidade, porque ainda não são autónomos, mas também, na parte pastoral, desejamos ajudar as pessoas a cimentar e a crescer na sua fé. Viramos-nos, assim, para aquela que é a nossa missão: uma missão pastoral, de ajudar a Igreja a estar viva, ajudar os padres e os bispos a poderem continuar a alimentar este povo e a dar-lhes a formação necessária para continuarem a ser fortes e um testemunho. É um trabalho que será longo, mas queremos continuar, porque achamos que o Médio Oriente não pode ficar sem a presença desta comunidade e, por isso, tudo faremos para continuar a ajudar esta Igreja local a que permaneça.

“AJUDA É CADA VEZ MAIS ESSENCIAL PARA QUE A COMUNIDADE CRISTÃ POSSA SOBREVIVER”

Que outras realidades, para além da do Iraque, suscitam igualmente a atenção da Fundação AIS?

Anualmente, estamos presentes com projetos em cerca de 145, 150 países, por ano, com cerca de 5000 a 5500 projetos anuais. Há muitos projetos, há muitas necessidades. Por isso, a ajuda é cada vez mais essencial para que a comunidade cristã possa sobreviver, continuar a viver a sua fé no país onde nasceram e onde escolheram viver.

Estamos presentes no Médio Oriente, mas também estamos muito focados em África e Ásia. Ásia é também um continente com várias situações muito dramáticas de perseguição e discriminação das minorias – e os cristãos são uma minoria neste continente. São zonas do globo para onde estamos, infelizmente, a olhar com muita atenção. Por um lado, na Ásia, temos mais a questão dos ultranacionalistas e dos próprios Estados que são repressivos para com as comunidades religiosas e, por outro lado, temos uma realidade em África da qual não sabemos tanto, mas que concentra grupos radicais que atuam no Médio Oriente e que atuam

impunemente. Aqui, a comunidade internacional continua a não atuar como devia, porque já se assistiu ao que aconteceu no Médio Oriente, nomeadamente no Iraque e na Síria, e estamos a deixar que aconteça o mesmo em África, que é um continente que nos preocupa muito.

Como é que alguém, estando em Portugal, pode ajudar a Fundação AIS no terreno?

Costumo dizer que basta nós querermos fazer alguma coisa que as coisas acontecem. No caso de Portugal, através da Fundação AIS temos sempre a possibilidade apoiar vários projetos, uns mais com um carácter humanitário, de emergência, outros com um carácter mais pastoral. Podemos sempre, através do nosso site, ter acesso às notícias da Igreja perseguida, em todo o mundo, mas também de exemplos positivos, porque há muitas coisas boas que acontecem no mundo. No nosso site estão os projetos disponíveis e informação sobre como pode ajudar.

Saiba mais: www.fundacao-ais.pt





LUZEIROS - Campos Vocacionais para Raparigas

Um convite às raparigas que vivem a vida em dinâmica vocacional

Uma das atividades promovidas pelo Sector da Animação Vocacional de Lisboa tem o nome de Luzeiros.

Os LUZEIROS são Campos Vocacionais para Raparigas com tempos de catequese e convívio, oração e partilha, trabalho e jogos, meditação e distração, orientados para aprender a escutar Deus, conhecer o projeto de vida de cada uma e construir essa mesma vida como resposta alegre e fiel a Deus.

Como estamos nestes tempos de Covid, realizou-se on-line nestes dias de 27 a 30 de março, com o tema "Pascoa'21 - Em Sua memória!"

Participaram 19 raparigas e, como sempre, foi muito animado e profundo. Sábado à noite tivemos a partilha de testemunhos e Domingo à noite uma Via Sacra muito participada, que a todos ajudou a entrar nesta Semana Santa com verdade e proximidade a Jesus.

O próximo será nos dias 7 a 12 de julho. Esperamos que todas as raparigas que

vivem a vida em dinâmica vocacional, isto é, em resposta à iniciativa de "Deus que chama", possam experimentar este tempo.

Para tal, é importante reconhecer que ser filho de Deus é não ser dono da própria vida, mas antes recebê-la das mãos de Deus como dom e projeto e, assim,

construí-la segundo os planos do Autor divino.

Contamos com os nossos leitores para divulgarem estes Campos para raparigas.



CELEBRAÇÕES

SEMANA SANTA 2021

NA SÉ DE LISBOA

TODAS AS CELEBRAÇÕES
SERÃO TRANSMITIDAS ONLINE



MEIO | Kanal



QUINTA-FEIRA SANTA
CEIA DO SENHOR
1 DE ABRIL - 19H00



SEXTA-FEIRA SANTA
PAIXÃO DO SENHOR
2 DE ABRIL - 15H00



SÁBADO SANTO
VIGÍLIA PASCAL
3 DE ABRIL - 21H30



DOMINGO DE PÁScoa
4 DE ABRIL - 11H30



com **Aura Miguel**
Jornalista da Rádio Renascença,
à conversa com Diogo Paiva Brandão

Roma /09

“Se a fé perde o espanto, torna-se surda”

O Papa Francisco iniciou a Semana Santa, com o Vaticano a publicar orientações pastorais para enfrentar as alterações climáticas e o drama dos deslocados. Na semana em que foi notícia a possível participação do Papa na COP26, Francisco disse querer absoluta transparência na Santa Sé e ofereceu 1200 vacinas aos pobres.



1. As ‘Orientações Pastorais sobre as Pessoas Deslocadas pela Crise Climática’, publicadas pelo Vaticano no dia 30 de março, são um guia repleto de factos, interpretações políticas e propostas relevante, com um prefácio escrito pelo Papa. “Desde logo, sugiro que adaptemos o famoso ‘ser ou não ser’ de Hamlet e afirmemos ‘ver ou não ver, eis a questão!’ Tudo começa com a capacidade de ver de cada um, sim, a minha e a vossa”, escreveu Francisco, sublinhando que “o facto de as pessoas se deslocarem porque o seu habitat local se tornou inabitável, pode parecer um processo natural, algo inevitável”. “No entanto, a deterioração climática resulta muito frequentemente de escolhas erradas e atividade destrutiva, egoísmo e negligência que colocam a humanidade em conflito com a criação, a nossa casa comum”, denunciou.

Neste documento com cerca de 30 páginas e escrito em várias línguas, incluindo o português, o Papa recorda no prefácio que, “à semelhança da crise da covid-19, os números impressionantes e crescentes de deslocados pela crise climática estão rapidamente a tornar-se uma emergência grave do nosso tempo, visível quase diariamente nos nossos ecrãs e exigindo respostas globais”.

2. A polícia da Escócia está a preparar-se para uma possível participação do Papa Francisco na 26ª Cimeira das Nações Unidas sobre alterações climáticas (COP26), prevista para decorrer entre 1 e 12 de novembro e que vai reunir em Glasgow os principais líderes mundiais, para acelerar os objetivos do Acordo de Paris e da Convenção da ONU sobre alterações climáticas. “Se o Papa participar, será

um dos eventos com maior policiamento desde os Jogos Olímpicos de 2021”, referiu o chefe da polícia de Glasgow, Bernard Higgins, ao ‘Glasgow Times’. Já em fevereiro, o diário ‘The Times’ referiu que a Conferência Episcopal Escocesa recebera indicações para os bispos se prepararem para uma eventual visita do Papa. Sem, citar a fonte, este diário britânico salienta que, “se Francisco for a Glasgow, a sua audiência ficará provavelmente confinada aos líderes mundiais participantes na COP26 sobre alterações climáticas, mas o seu impacto será muito considerável se o Papa os encorajar a comprometerem-se com mais firmeza na luta contra as alterações climáticas”.

A concretizar-se a participação de Francisco a COP26, o Papa da *Laudato si’*, a primeira encíclica escrita por um pontífice sobre questões ecológicas, será o terceiro Papa a visitar Glasgow, depois de João Paulo II, em 1982, e Bento XVI, em 2010.

3. “Entrámos na Semana Santa. Pela segunda vez, vivemo-la no contexto da pandemia. O ano passado estávamos mais chocados, este ano estamos mais provados. E a crise económica tornou-se pesada”, lembrou o Papa, durante a oração do Angelus de Domingo de Ramos, 28 de março. Francisco sublinhou a importância de pegar na cruz, tal como faz Jesus que “carrega o mal que tal realidade comporta, mal físico, psicológico e, sobretudo, mal espiritual, porque o Maligno aproveita as crises para semear desconfiança, desespero e discórdia”. Ao imitarmos Jesus, disse o Papa, “ao longo da via sacra quotidiana, encontramos os rostos de tantos irmãos

e irmãs em dificuldade: não passemos ao lado, deixemos que o coração se compadeça e aproximemo-nos”.

Francisco convidou ainda os fiéis a rezarem “por todas as vítimas da violência, em particular, pelas atingidas pelo atentado desta manhã na Indonésia, diante da Catedral de Makassar”. Um ataque que fez, para já, pelo menos 14 feridos. De acordo com a polícia, um bombista fez-se explodir junto à igreja. Na Missa de Domingo de Ramos, o Papa lembrou que “não basta admirar Jesus; é preciso segui-Lo no seu caminho, deixar-se interpelar por Ele e passar da admiração à surpresa”. E, para que esta Semana Santa seja vivida com Jesus, é condição fundamental o deixar-se surpreender por Deus: “Peçamos a graça do espanto. A vida cristã, sem surpresa, torna-se cinzenta. Como se pode testemunhar a alegria de ter encontrado Jesus, se não nos deixamos surpreender cada dia pelo seu amor espantoso, que nos perdoa e faz recomeçar? Se a fé perde o espanto, torna-se surda: já não sente a maravilha da graça, deixa de sentir o gosto do Pão da vida e da Palavra, fica sem perceber a beleza dos irmãos e o dom da criação”, sublinhou Francisco.

O Papa acrescentou ainda que, se no Crucificado, vemos Deus humilhado e reduzido a um descartado, “com a graça do espanto, compreendemos que, acolhendo quem é descartado, aproximando-nos de quem é humilhado pela vida, amamos Jesus, porque Ele está nos últimos, nos rejeitados, naqueles que a nossa cultura farisaica condena”.

4. Na abertura do 92.º ano judicial do Tribunal do Vaticano, o Papa pediu “absoluta transparência das atividades ins-

titucionais do Estado do Vaticano, especialmente nos campos económico e financeiro”. Francisco afirmou que todas as atividades da Igreja Católica devem sempre “inspirar-se nos princípios fundadores da vida eclesial e, ao mesmo tempo, levar em conta os parâmetros e ‘boas práticas’ atuais a nível internacional, e de modo exemplar”.

Na Sala das Bênçãos, no Vaticano, no dia 27 de março, e na presença do primeiro-ministro italiano, Mario Draghi, o Papa valorizou as “modificações normativas que têm vindo a ser adotadas nos últimos anos”, considerando que “elas serão mais eficazes na medida em que forem acompanhadas por outras reformas na esfera penal, sobretudo na luta e repressão dos crimes financeiros”.

5. O Vaticano anunciou que vai vacinar mais um grupo de pessoas, entre as mais frágeis e vulneráveis, acompanhadas pelos serviços de caridade do Santo Padre. “Para concretizar os vários apelos do Papa Francisco, para que ninguém seja excluído da campanha de vacinação anti covid-19, as doses da vacina Pfizer-BioNTech, adquiridas pela Santa Sé e oferecidas pelo Hospital Lazzaro Spallanzani, através da Comissão Covid-19 do Vaticano, serão destinadas à vacinação de 1.200 pessoas, entre os mais pobres e marginalizados, que estão mais expostos ao vírus, devido à sua condição”, lê-se no comunicado da Esmolária Apostólica. A vacinação vai decorrer durante a Semana Santa, no interior da Aula Paulo VI, à semelhança do que já aconteceu em janeiro passado.

Fundação AIS lança grande campanha de socorro aos cristãos em África

Via Sacra sem fim

Milhares de pessoas em África vivem numa permanente Via Sacra. Têm fome, doenças, são perseguidas por serem cristãs, são vítimas de bandos armados, de grupos terroristas, de violência brutal. Crianças-soldado, mulheres violentadas, fome, doenças, miséria... É urgente salvar vidas em África. A Fundação AIS pode contar consigo?



Quanto vale uma vida? O Bispo de Mbaïki, na República Centro-Africana, D. Jesús Molina, escreveu um pequeno livro para a Fundação AIS para esta Quaresma. O livro tem 14 textos apenas. São retratos do continente africano, do drama de milhões de pessoas, da angústia de mães que não conseguem alimentar os seus filhos, de crianças que foram raptadas e agora são soldados às ordens de bandos armados, de idosos que não têm lugar em nenhuma enfermaria. São 14 textos que revolvem a nossa consciência até às entranhas. Falamos da fome, da aventura que é para muitos, conseguir alguma comida nem que seja apenas uma vez por dia. O olhar de D. Jesús Molina recai sobre os inúmeros campos de refugiados onde estão milhares de pessoas desesperançadas e vê desespero e miséria. “Dentro e fora destes campos, há crianças com fome, jovens com fome, adultos com fome, idosos com fome. Roubam por causa da fome, matam por causa da fome. Que má conselheira é a fome! Quantos caem por causa dela!”

Muitas fomes

Há muitas fomes em África. Há também a fome de paz. Basta pensar nas mulheres brutalizadas, “que sofrem a infâmia humana, a arma letal de todos os conflitos bélicos em África”, como escreve

o Bispo de Mbaïki. “Violar mulheres e meninas para destruir o inimigo. Violar mães e adolescentes, rasgar esses corpos que deram vida; manchá-los com a morte... As mulheres tornaram-se o alvo da brutalidade dos homens armados sem piedade.” Há também a fome do amor na miséria que se abate sobre os rapazes que são tirados aos seus pais e que têm de carregar armas. Soldados ínfimos com os dedos no gatilho, meninos que nunca saberão o que é ser criança. Meninos que provavelmente nunca irão à escola. Que fardo irão suportar, que

memórias e angústias irão arrastar para o resto das suas vidas as crianças que conseguem sobreviver a estas guerras que estão a esquarterar o continente africano...

Mar de miséria

África vive uma Via Sacra permanente. É uma realidade que está espalhada por todo o lado, de norte a sul, rompendo fronteiras, grupos étnicos, línguas. De África chegam-nos todos os dias pedidos de ajuda. Na verdade, é bem mais do que isso. São pedidos de socorro de

pessoas que estão a morrer, verdadeiros náufragos num mar de miséria, violência e perseguição. A urgência é enorme. A cada hora que passa, a cada dia, avoluma-se a tragédia. Não há tempo a perder. Está nas nossas mãos ajudar a Igreja, os padres, as irmãs, os catequistas, todos os que estão no terreno e procuram, às vezes desesperadamente, devolver a esperança a quem já só tem lágrimas. É conosco. É agora. D. Jesús Molina, no pequeno livro que escreveu para a Fundação AIS diz-nos, sem rodeios, que a vida vale pouco em África. Muito pouco. “Em quase todos os países da África subsariana, a esperança média de vida da população não chega aos 60 anos. No país onde vivo, a República Centro-Africana, é de uns escassos 50 anos. Morre-se antes do tempo e vive-se tão precariamente que muitas vezes me pergunto: será que há vida antes da morte? Como vale pouco a vida em África...” A campanha da Fundação AIS é, acima de tudo, um desafio a cada um de nós, um desafio às nossas consciências. É urgente salvar vidas em África. A Fundação AIS pode contar consigo?

texto por Paulo Aido,
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre



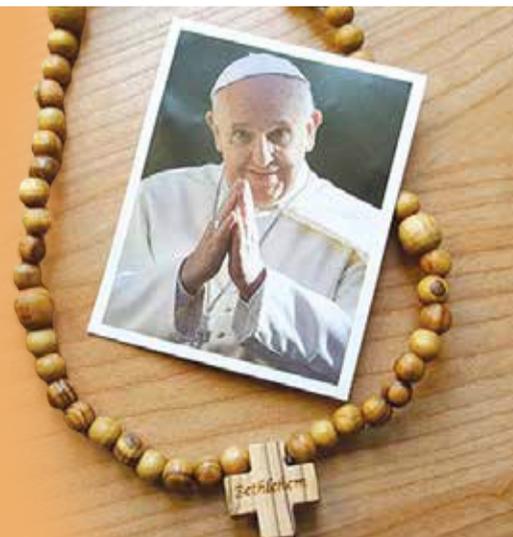
Está nas nossas mãos ajudar a Igreja, os padres, as irmãs, os catequistas, todos os que estão no terreno e procuram alimentar a esperança.

www.fundacao-ais.pt | 217 544 000

Hoje, podemos todos juntos salvar vidas em África...

A rezar, como nos pediu Nossa Senhora.

Reze com este Terço de Belém que temos para lhe oferecer.



217544000
Ligue hoje mesmo
e peça o seu



bit.ly/CurarAfrica

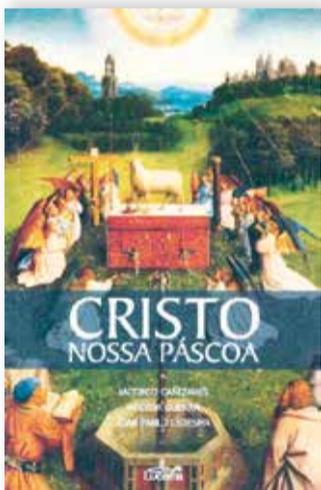
SUGESTÃO CULTURAL

Cristo, Nossa Páscoa

O livro 'Cristo, Nossa Páscoa', de Antonio Cañizares, Héctor Guerra e Juan Pablo Ledesma, destaca que "a paixão de Cristo é o acontecimento mais dramático e misterioso da História", mas que "a Páscoa não é um acontecimento do passado". "A paixão, morte e ressurreição de Cristo continuam a suscitar pelo menos a perplexidade dos incrédulos, a quem convidam sempre a responder ao desafio gratificante da Fé; e os cristãos e a Igreja em geral revivem, ontem como hoje, em si mesmos, nas suas vidas, os acontecimentos desse mistério essencial do cristianismo", frisa a sinopse da obra publicada pela Lucerna, chancela da Principia Editora.

Informações:

www.lucernaonline.pt/cristo-nossa-pascoa



À PROCURA DA PALAVRA

DOMINGO DA RESSURREIÇÃO ANO B

*"Entrou no sepulcro
e viu as ligaduras no chão."*
Jo 20, 7



pele P. Vítor Gonçalves

Túmulos vazios e vida cheia

Há um ano vivemos a Páscoa fechados em casa. Como se estivéssemos num longo "Sábado Santo". Sim, com muitas possibilidades de os olhos e os ouvidos nos levarem longe, às celebrações transmitidas da nossa igreja ou da Basílica de S. Pedro, ao encontro digital com familiares e amigos que gostaríamos de abraçar, por ser Páscoa. Este ano, em algumas regiões da Europa e do mundo, o cenário mantém-se: respirar o mesmo ar, tocarmo-nos e abraçarmo-nos, rir e dançar é proibido. Sim, pelo bem maior da saúde de todos. E agradecidos a todos os que vestiram escafandros sanitários, quais mortalhas, para cuidar e velar pela vida de tantos doentes. Mas desejamos ardentemente o ar livre de máscaras, e o carinho, não só das palavras e dos olhares, mas das mãos também! Queremos sair desta vida tumular! Mas, ai de nós se não aprendemos a ressuscitar! O túmulo de Jesus já não guardava o

seu corpo, mas estava cheio de sinais. A pedra retirada que levou Maria Madalena a correr ao encontro de Pedro e do discípulo amado foi o primeiro. Teria sido retirado, roubado, escondido: não conseguia ainda imaginar a ressurreição. A ausência nada provava, mas poderia vir a ser uma surpresa feliz? A sua corrida e a dos discípulos mais do que um sinal é a marca desse dia, da urgência de entender e de acreditar, do "passa-a-palavra" enriquecida por testemunhos de anjos, da aparição de Jesus vivo aos desalentados de Emaús e aos apóstolos. As ligaduras e o sudário, que tinham envolvido o corpo morto de Jesus revelam que o seu corpo não foi roubado (os ladrões não costumam "arrumar" a casa que assaltam). Os sinais da morte ficam, dobrados ou enrolados, pois ela perdeu o domínio sobre a humanidade. Todos os sepulcros se esvaziam pela força de Jesus Ressuscitado. Mas, ai de nós se, pelo egoísmo ou a

guerra, continuamos a escavá-los! No silêncio da noite pascal ecoou o "Aleluia". O acontecimento mais importante da história da humanidade manifestou-se. O "Aleluia" liga a ressurreição de Jesus às nossas ressurreições de cada dia, na alegria cósmica de um mundo regenerado, no qual o homem reconciliado consigo se encontra com o seu Criador. É a vida cheia. De oportunidade e beleza, de bondade e sonho, de desafio e dever, de jogo e preciosidade, de riqueza e amor, de mistério e promessa, de aventura e felicidade (nas palavras de S. Teresa de Calcutá). Não caminhamos neste mundo para escavar sepulcros ou edificar túmulos, mas sim para retirar deles os que os julgam o seu destino. Mas a vida cheia é a vida a cuidar dos outros, a assumir responsabilidades, a formar consciências, a exigir a verdade e a justiça. Ai de nós, se precisarmos sempre de vigilantes e forças de ordem!

DOMINGO II DA PÁSCOA – ANO B (11 DE ABRIL)

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada	Hoje é dia de festa	C. Silva	CN 524
Entrada	Exultai de alegria	Art. Oliveira	¹
Entrada / Ofertório	Nasceu o Sol da Páscoa	M. Luís	CN 639
Ofertório	A paz esteja convosco	M. Luís	CAC 248
Ofertório / Comunhão	Jesus apareceu no meio dos seus discípulos	A. Cartageno	LHCII 554
Comunhão	Aproxima a tua mão	F. Santos	CN 214 ²
Comunhão	Porque Me vês acreditas	Az. Oliveira	IC 310 ³
CAC 272 / NCT 192	Glória a Vós, ó Cristo	M. Luís	CAC 272 / NCT 192
Pós Comunhão	Já a luz se levantou	A. Cartageno	CN 546
Final	Aleluia, louvor a Vós, ó Cristo	M. Luís	CN 203 / CAC 252

¹ <http://bit.ly/exultai-de-alegria> | ² <http://bit.ly/aproxima-tua-mao> | ³ <http://bit.ly/porque-me-ves-acreditas>

SIGLAS | CAC - Manuel Luís, *Cânticos da Assembleia Cristã*, Secretariado Nacional de Liturgia | CEC - *Cânticos de Entrada e Comunhão, vol. I-II*, Secretariado Nacional de Liturgia | CN - *Cantoral Nacional para a Liturgia*, Secretariado Nacional de Liturgia - *Serviço Nacional de Música Sacra, Fátima 2019*. | IC - *A Igreja Canta*, Comissão Bracarense de Música Sacra | LHCII - *Liturgia das Horas*. Edição para Canto. Vol. II, Secretariado Nacional de Liturgia | NCT - *Novo Cantemos Todos*, Editorial Missões



DEPARTAMENTO DE LITURGIA DO PATRIARCATO DE LISBOA



Tweets da Semana

“A Igreja entra nestes dias na grande meditação da Paixão do Senhor. O Cristo sofredor está presente na pessoa pobre, excluída, doente, faminta, que carrega com Ele o mistério da Cruz. #SemanaSanta”

29 de março

“Deus está connosco em cada ferida, em cada susto: nenhum mal, nenhum pecado tem a última palavra. Deus vence, mas a palma da vitória passa pelo madeiro da cruz. Por isso, os ramos e a cruz estão juntos. #DomingodeRamos”

28 de março



Papa Francisco @Pontifex_pt

“Em tudo o que houver de vida entregue, aí mesmo a cruz triunfa agora. A cruz de Cristo, que salva a cruz do mundo. #SemanaSanta <https://bit.ly/Ramos21>”

28 de março



D. Manuel Clemente @patriarcalisboa

PODCAST

Ep. 11, com Diana Prudêncio, disponível a partir de dia 1 de abril, em <https://leigosquecontam.podbean.com>

Leigos que contam ...

Editorial ELE ESTÁ VIVO

P. Nuno Rosário Fernandes, diretor
p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt



Quando em janeiro iniciámos este tempo de confinamento, em que ainda nos encontramos, fiz a pergunta: ‘O Natal matou a Páscoa?’. Como é óbvio, é um título provocador, sobretudo tendo em conta que não esperávamos vir a celebrar, com as comunidades reunidas, a maior festa do ano, mas também porque sabemos que a Páscoa, a Ressurreição de Jesus, é a base e o fundamento da nossa fé.

O alargamento das restrições necessárias para o combate à pandemia, no período do Natal, e o mau uso da liberdade dada nesse tempo, terá levado a um despoletar de situações que colocou o país no pódio das infeções. Foi necessário um novo encerramento, apesar das muitas dificuldades que isso traz e da crise económica e social que provoca, mas percebemos, mais uma vez, que é sempre necessário um esforço de todos para lutar contra as tempestades da vida.

Assim como o povo de Israel, que para sair da escravatura do Egipto

teve que atravessar o deserto para chegar à Terra Prometida, enfrentando muitas dificuldades e tantas vezes sendo infiel ao Deus que o quis salvar, também nós precisamos de passar pelos desertos e pelas tempestades para perceber o que significa a Páscoa.

Páscoa significa ‘passagem’ e é passagem da morte à vida. Jesus Cristo, morto na cruz, ressuscitou ao terceiro dia, vencendo a morte, quebrando as cadeias em que tantas vezes nos encontramos, os grilhões que nos prendem às situações que nos

afastam do amor, de Deus e dos outros. E quantas Páscoas acontecem na nossa vida! Quantas mortes já vencemos e vidas que alcançamos ao longo do tempo!

Confesso que não acreditava na possibilidade de celebrarmos juntos a Páscoa deste ano, e estava mesmo consciencializado de que seria um novo sofrimento pela solidão nos templos; mas assim como ainda hoje há quem não acredite na Ressurreição, percebo que esta é mais uma prova de que Ele está vivo. Santa Páscoa!

“Confesso que não acreditava na possibilidade de celebrarmos juntos a Páscoa deste ano, e estava mesmo consciencializado de que seria um novo sofrimento pela solidão nos templos; mas assim como ainda hoje há quem não acredite na Ressurreição, percebo que esta é mais uma prova de que Ele está vivo.”

FICHA TÉCNICA

Registo n.º 100277 (DGCS) - Depósito legal: 137400/99; Propriedade: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Gerência: Francisco José Tito Espinheira, Joaquim Daniel Vieira Loureiro e Maria Teresa Alves Vieira Novo; Capital Social: 100.000 euros - Seminário Maior de Cristo Rei (95%) e Patriarcado de Lisboa (5%); NIPC: 500881626; Editor: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Tiragem: 5300 exemplares; Diretor: P. Nuno Rosário Fernandes (p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt); Site: www.vozdaverdade.org; Redação: Diogo Paiva Brandão (diogopb@patriarcado-lisboa.pt), Filipe Teixeira (filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt); Colaboradores regulares: Aura Miguel, P. Vítor Gonçalves; Fotografia: Arlindo Homem, Filipe Amorim, Luís Moreira; Opinião: António Bagão Félix, A. Pereira Caldas, Guilherme d'Oliveira Martins, Isilda Pegado, José Luís Nunes Martins, P. Alexandre Palma, P. Duarte da Cunha, P. Gonçalo Portocarrero de Almada, P. Manuel Barbosa, P. Nuno Amador, Pedro Vaz Patto; Colaboração: Cáritas Diocesana de Lisboa, Departamento de Liturgia, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, FEC - Fundação Fé e Cooperação, Setor de Animação Vocacional, Setor da Pastoral Familiar, Serviço da Juventude, Comissão Justiça e Paz dos Religiosos; Design Gráfico e Paginação: Divide by Two, Lda - www.dividebytwo.pt | office@dividebytwo.pt; Pré-impressão e impressão: Empresa do Diário do Minho, Lda. - Rua de São Brás, 1, Gualtar, 4710-073 Braga - comercial@diariodominho.pt - Tel: 253303170; Distribuição: Urgentissimo Transportes, Lda. (Enviália) - Rua Luís Vaz Camões, s/n, Zona Industrial Arenas, 2560-684 Torres Vedras - Tel: 261323474; Sede do Editor e Sede da Redação: Mosteiro de São Vicente de Fora - Campo de Santa Clara 1100-472 Lisboa - vozverdade@patriarcado-lisboa.pt; Serviços Administrativos: Sara Nunes, de 2ª a 6ª-feira, das 9h00 às 16h00, Tel: 218810556, Fax: 218810555, saranunes@patriarcado-lisboa.pt.



Voz da Verdade

ASSINE JÁ!

Faça a sua assinatura e receba o jornal, em sua casa, durante um ano.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, escolhendo uma das seguintes opções:



218 810 556
2ª a 6ª feira, entre as 9h00 e as 16h00



saranunes@patriarcado-lisboa.pt
Envie um email com os seus dados



Preencha, destaque e envie o cupão

Complete a assinatura fazendo o pagamento através do NIB 001800003724403600184, cheque ou vale postal, à ordem de Nova Terra, Empresa Editorial, Lda. O envio do comprovativo ou do meio de pagamento deverá ser feito para Nova Terra Empresa Editorial, Lda. Mosteiro de São Vicente Fora - Campo de Santa Clara - 1100-472 Lisboa; fax: 218 810 555; email: saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Nome _____

Morada _____

Código postal _____ - _____ Telefone _____

Email _____ NIF _____ N.º Assinante _____

Assinatura anual: Individual (20 €) Benfeitor (25 €) Benemérito (30 €)